

CD “Eu sou uma ilha” sobe ao Teatro Micaelense a 26 de Janeiro

“Sou eternamente uma “ilha” com metástases no mundo”, garante o músico Manuel Costa

Aprendeu a música com o seu pai e apresenta Sábado, no Teatro Micaelense, o seu primeiro CD. Manuel Costa Júnior é o Director do Museu Regional do Pico e diz com orgulho que através da sua música é recebido em qualquer lugar, nomeadamente na diáspora, “com a dignidade que os Açores merecem”. O espectáculo de amanhã conta com nomes como Rafael Carvalho, no qual se apresentará um disco onde habita “o canto das ilhas”. Manuel Costa faz um apelo a todos para virem assistir a este momento, onde se poderão ouvir e ver ao espelho.

Apresenta agora o seu primeiro CD, “Eu sou uma ilha”. Porquê só agora?

Interessou-me sempre mais o processo de comunicação, a paixão de fazer e de partilhar, do que a urgência obsessiva de registar. Sei da importância do registo, numa óptica comercial que nunca foi a minha, ou numa perspectiva de compromisso cultural para com a comunidade e o território. Mas o gosto e o foco estiveram sempre na relação física (e directa) com as pessoas. Uma relação cultural, intelectual, espiritual e emocional. A música como um acto de vida, uma conversa amiga, uma forma de oração. Depois, nunca me senti em condições de o fazer, nem de estar à altura desse registo. Precisava de lastro, de espessura, de maturidade musical, de dimensão estética, de mais mundo e de mais e melhores Açores na voz. Ainda preciso!

Fale-nos um pouco deste CD. Quantos temas tem? Existem originais no mesmo?

O CD é uma confissão, apaixonada e lúcida, sobre o imaginário, tradicional e contemporâneo, da música açoriana. Testemunho do que sou e da minha visão sobre esse património musical. Uma espécie de viagem, personalizada, à nossa insularidade e açorianidade. Aos nossos contrabandos originais, às nossas fomes e medos ancestrais, às nossas paisagens naturais e culturais, à nossa condição de ilhéus. O CD tem 16 temas. Dois são originais, outros foram gravados a solo pela primeira vez.

Neste CD cabe toda a sua vida e a de uma região inteira?

Isso seria uma arrogância incompreensível. Não! Neste CD cabe, exclusivamente, a minha devoção pela música e pela arte, a minha ligação medular ao berço. O meu apego ao chão e ao leite materno. O meu amor, cego e irracional, crónico e incondicional, pelos Açores. Sem insinúas e sem hipocrisias!

Por que motivo o CD dá por nome “Eu sou uma ilha”?

Andei no mundo, mas sempre com a ilha às costas. Ela está no ar que respiro e no sangue que me corre nas veias. Toda a minha construção mental, intelectual e emocional é insular e arquipelágica. No fundo sou eternamente uma “ilha”, com metástases no mundo. Morro com a noção clara que foi um sortilégio e um milagre ter nascido no mar sobre o cavemame de um vulcão.

O que é ser uma ilha do ponto de vista musical?

É ser capaz de compreender, de interpretar e de reinventar, com lucidez e sensibilidade, a sua iconografia e mitografia profundas. É ser capaz de afirmar os valores vernaculares da herança e



Manuel Costa Júnior é o Director do Museu Regional do Pico

da tradição, a partir da voz do Povo, sem recusar os méritos da originalidade, da modernidade, da contemporaneidade e da universalidade, que nos cabem, legitimamente, por inteiro.

Neste trabalho discográfico podemos encontrar que momentos da música açoriana? O tradicional e o contemporâneo cruzam-se aqui, não é?

Habita neste disco o canto das ilhas. O que é tradicional e contemporâneo cruza-se e mistura-se, porque os galhos novos enxertam-se nas velhas puas. A raiz e a cepa estão sempre lá. A nossa música, feita de terra e de mar, é bela e intensa. Poderosa e fascinante, do ponto de vista poético e estético. Saibamos nós, com amor-próprio, porque ela não mente, e é reconhecidamente muito boa, conservá-la, defendê-la e divulgá-la. É essa a nossa obrigação cultural e moral. Quisemos que o disco tivesse a nudez e a crueza das coisas simples, partindo do princípio que na música, como na arte em geral, o menos pode ser mais. Resta saber se o conseguimos.

Mas o julgamento já não é nosso.

Como decorrerá o concerto no Teatro Micaelense? Quais são as suas expectativas para o mesmo?

Temos fé. É um sonho e uma responsabilidade poder tocar no Teatro Micaelense, uma sala mítica dos Açores e de Portugal. Sabemos que “em casa de ferro, espeto de pau”. O espectáculo, sem nenhum tipo de vaidades nem falsas modéstias, é bom. Tem músicos de referência à escala regional e nacional, nomeadamente Mike Ross, Paulo Vicente, Rafael Carvalho, Manuel Rocha, Bruno Costa, Rui Silva, Francisco Costa. O repertório é bom. Grandes temas, grandes canções, grandes textos da música açoriana. Uma viagem bonita, digna e séria, a alguma da melhor música feita nos Açores (e sobre os Açores), ao longo dos tempos. Claro que gostava que os nossos irmãos açorianos se viessem reencontrar com as suas memórias e a sua identidade musical. Este é um espectáculo de homenagem aos Açores e à sua criação cul-

tural e musical, em particular. Pedimos aos nossos irmãos micaelenses, e aos de todas as outras ilhas que residem em São Miguel, ou não, que venham ouvir-se e ver-se ao espelho. Que venham ver-nos e ouvir-nos. O seu esforço e a sua solidariedade açoriana não cairão em saco roto. Mais, não darão por mal empregues as passadas ao Teatro Micaelense. Penso que não, porque gostarão do concerto.

A música faz parte da sua vida deste quando? Não se consegue viver apenas da música, pois não?

Quase desde que nasci. Foi-me transmitida, apaixonadamente, pelo meu pai, Manuel Costa, um homem do mar, e um grande cantor e executante da viola da terra. Nunca vivi da música. A música é uma amante querida que me acompanhou pela vida fora. Está na prateleira de baixo. Mexo-lhe quando quero. Nunca pus a música à frente e acima da minha profissão, quer como professor, quer como trabalhador em museus. No fundo, seguindo um velho instinto: “nunca profissionalizes o que amas profundamente”. Não preciso, nunca precisei, da música para viver. Por isso canto e toco só quando posso e quero. Essa é uma grande vantagem e uma grande liberdade.

É considerado um embaixador da lírica açoriana no país e na diáspora. Como é ter esta função sobre os ombros?

Acho demasiado pomposa, e talvez desproporcionada, a designação. Mas, sinceramente, aquece-me o coração. Foi isso o que sempre quis e gostei de ser. Um divulgador e um comunicador da nossa música, dentro da Região e fora dela. Nos últimos anos, por força das minhas responsabilidades profissionais, muito menos, compreensivelmente. Convites de dentro e de fora, de perto e de longe, sempre tive. A maioria deles, por razões conhecidas, não os consegui aceitar. Vivi e morro a combater a ideia de que “os açorianos padecem de desimportância”. A nossa música é boa em qualquer parte do mundo. Foi isso o que sempre ouvi e o que me disseram em todo o lado.

Que lugar e reconhecimento tem a música tradicional na nossa região, a seu ver?

Menos do que aquilo que merece e tem direito. Há hoje projetos, criadores musicais, e músicos de grande qualidade nos Açores. Essa música tem vindo a ser reconhecida local e regionalmente. Mas a nossa música é ainda, por razões de escala, de estratégia comercial e de massificação cultural e comunicacional, uma música marginal e periférica no contexto nacional e internacional.

Patrícia Carreiro